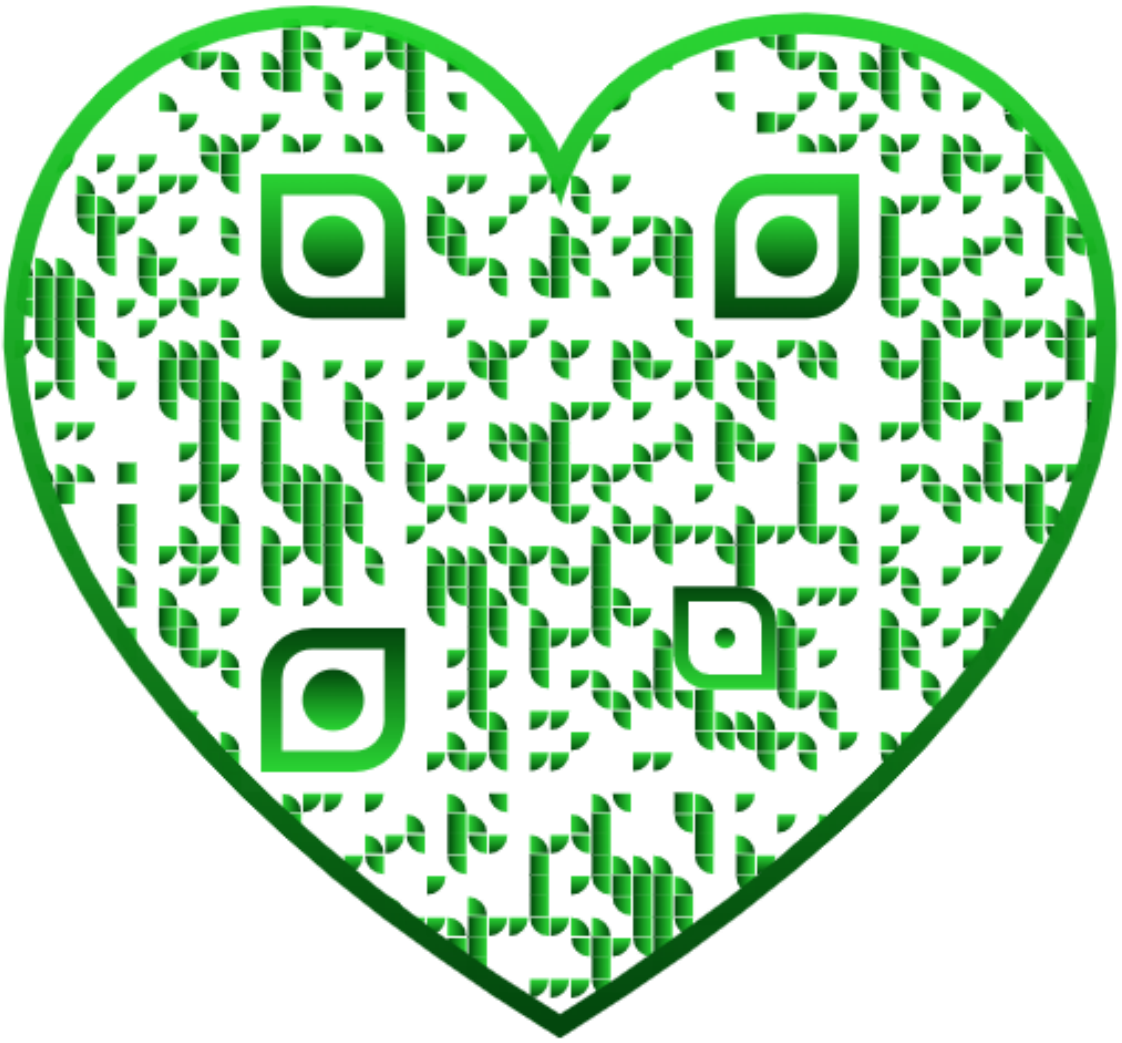
METODO DE BATERIA

LIVRO I

Pearl IMPRESSION CYMBALS EVANS drumheads pro-mark



METODO DE BATERIA

LIVRO I

Pearl IMPRESSION CYMBALS EVANS drumheads pro-mark

André Vitor

MÉTODO DE BATERIA

LIVRO 1

André Vitor

Diagramação

Mariana Bianco e Roberto Cavallari Filho

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total sem prévia autorização.

ISBN 978-85-61210-52-6

1ª Edição

Janeiro de 2016

potesis
editora

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, aos meus alunos sem os quais este método não seria possível. É graças a eles que senti essa necessidade e ampliei minhas experiências reunindo condições para elaborar este material. À minha esposa pela diagramação, um trabalho de Sísifo até a versão final. E ao meu filho (sempre) pela inspiração e transpiração [1] .

Apresentação

Depois de mais de dez anos e centenas de alunos, sinto a necessidade de criar um guia. A ideia é reunir o que considero mais importante nos vários métodos que estudei, e ensinei, ao longo da minha trajetória. Aqui, se encontra o que considero essencial para o interessado poder começar seu próprio caminho, seja como músico ou como “bom peladeiro das baquetas” para tocar bateria como hobby.

Bom proveito!

Como usar o método...

Um método surge da inquietação em tentar propor algo que venha a complementar o que já existe. Este material tem como objetivo auxiliar o aprendiz no seu estudo, sempre com a presença do professor. Sempre acreditei que um exercício não serve para nada se não tiver uma razão de ser. O aluno precisa se questionar sempre: **por que devo fazer isso? Aonde vou aplicar? E, como vou aplicar esses conceitos propostos?**

No Brasil, país que não possui formação escolar de música, essa tarefa torna-se um enorme desafio. Como lidar com essa falta de contato com o instrumento desde cedo? Como ensinar leitura e exercícios para alunos ansiosos em tocar músicas de seus estilos e ídolos preferidos? A missão é complexa e requer cuidados em tentar estabelecer o elo entre teoria e prática, fazendo com que o aluno consiga, o quanto antes, aplicar os exercícios iniciais e assim sentir-se se confiante e motivado. E é nisso que concentrei meus esforços neste trabalho, espero ter conseguido.

E que a viagem seja tão agradável quanto o destino que é tocar bem!

ÍNDICE

Agradecimentos

Apresentação

Como usar o método...

História da bateria

Conceitos (Postura)

Por que aprender partitura? (O mito)

Introdução aos elementos da música
Parâmetros do som
Composição
Tipos de Claves
Figuras Rítmicas
Outras figuras...

Entendendo o pentagrama

O uso do metrônomo

Levadas básicas em colcheias

Viradas básicas em semicolcheias

Levadas com caixa no contra

Levadas com bumbo no contra

Rudimentos
SINGLE STROKE ROLL OU TOQUE SIMPLES
DOUBLE STROKE OPEN ROLL OU TOQUE DUPLO
SINGLE PARADIDDLE
FLAM
DRAG

Levadas com colcheias em tercinas
Viradas com semicolcheias em tercinas

Exercícios para bumbo

Levadas com hi-hat no contratempo

Levadas em semicolcheias com conduções alternadas

Marcação no Hi-hat com o pé

Abertura de hi-hat com o pé

Variações de viradas em semicolcheias

Referências bibliográficas

Notas

História da bateria

No começo dos anos de 1900, bandas e orquestras tinham de dois a três percussionistas cada. Um tocava o bumbo , outro tocava a caixa e o outro tocava os blocos de madeira e fazia os efeitos sonoros.

O desenvolvimento do pedal possibilitou que uma mesma pessoa executasse todas estas funções.

O primeiro pedal prático foi inventado em 1910 . William F. Ludwig , que criou o primeiro modelo de madeira e logo depois, com o aumento da procura, passou a desenvolver junto com seu cunhado, Robert Danly, o modelo do pedal em aço que foi vendido para milhares de bateristas e serviu de base para criação dos modelos mais avançados que temos hoje.

Outra invenção aparentemente simples que possibilitou o surgimento da bateria foi a estante para caixa, que antes os bateristas usavam cadeiras para apoiá-las ou penduravam nos ombros com uso de correias (talabartes).

Uma vez que pedais e suportes para caixas práticos se tornaram disponíveis, um único baterista poderia executar o trabalho antes feito por três. A peça mais nova que fez parte do kit básico da bateria foi o hi-hat que apareceu na década de 40 . É uma peça que utiliza dois pratos de choque, acionados com o pé. No jazz, ela tinha a função de marcar o contratempo nas pulsações rítmicas, motivo pelo qual, em alguns lugares, esta peça também é denominada de contratempo. E assim foi nascendo a bateria – ou trap set, como foi chamada inicialmente [2] .

Conceitos (Postura)

Este material não pretende ser um manual mas um guia de referencia no qual o professor pode (e deve) auxiliar no ensino. Particularmente, vejo muitas fórmulas de como sentar-se em relação ao instrumento, como segurar a baqueta, qual a altura do banco, e outros inúmeros fatores que nos induzem a estabelecer uma “postura ideal”. Aí, abrimos o youtube e observamos muitos bateras tocando BEM de várias maneiras, algumas vezes distantes desse padrão ideal. Muitos são gênios, não convém tentar imitá-los, mas podemos refletir: não poderíamos ser mais flexíveis e levar em consideração o peso, a envergadura, a altura, enfim, a composição física do neófito? Por que uma formula matemática para inibir o conforto do iniciante? Sim, é preciso seguir regras mas elas não deveriam limitar tanto o futuro baterista.

É preciso entretanto que se obedeçam questões relacionadas à **saúde** do aluno: como manter a coluna apoiada homogeneamente sobre as pernas, ou como manter um **ponto de equilíbrio** , um eixo, sem sacrificar o corpo: tocar bateria precisa ser confortável e prazeroso, não um sacrifício! Podemos observar a seguir algumas SUGESTÕES de como dar o primeiro passo.

Por que aprender partitura? (O mito)

Muitos alunos quando chegam no primeiro dia e se deparam com as notações musicais, os olhos arregalam, a respiração acelera e a vontade de sair correndo é visível. A falta de ensino nas escolas (de novo esse ponto!) cria o mito da partitura, aquela dimensão do impossível: “jamais conseguirei fazer isso”.

Cabe ao professor tranquilizar o aluno. É preciso ter consciência que o aprendizado de teoria, combinado com a prática no instrumento, é o caminho mais curto e sólido para o desenvolvimento das aptidões. Funciona como uma língua estrangeira. Não se aprende dezenas de frases e palavras no primeiro dia! É um processo de construção de uma nova linguagem: requer **tempo** e **paciência.**

O desafio que se impõe é: cada aula um degrau! Assim se estará sempre em evolução aprendendo, a cada encontro, algo novo que ficará para uma vida inteira! Para o começo basta que o iniciante tenha em mente a levada básica, o começo, a definitiva quebra desse mito!

Introdução aos elementos da música

Parâmetros do som [3]

São características próprias que dão forma à música, percebidas pelos nossos ouvidos. São cinco os elementos formadores do som, e é articulando esses cinco elementos que se criam músicas:

1 - Timbre

O Timbre é a “cor” do som. Aquilo que distingue a qualidade do tom ou voz de um instrumento ou cantor, por exemplo. Cada objeto ou material possui um timbre que é único, assim como cada pessoa possui um timbre próprio de voz, tão individual quanto as impressões digitais.

2 - Intensidade

A intensidade é a força do som, também chamada de sonoridade. É uma propriedade do som que permite ao ouvinte distinguir se o som é fraco (baixa intensidade) ou se o som é forte (alta intensidade) e ela está relacionada à energia de vibração da fonte que emite as ondas sonoras. Ao se propagar, as ondas sonoras transmitem energias que se espalham em todas as regiões. Quanto maior é a energia que a onda transporta, maior é a intensidade do som que o nosso ouvido percebe. É semelhante ao que habitualmente chamamos de volume. A intensidade sonora é a força com que as ondas sonoras empurram o ar e é medida em uma unidade chamada bel, em homenagem ao cientista inglês Granham Bell, o qual fez estudos que culminaram com a invenção do telefone. No entanto, os submúltiplos do bel são mais utilizados: 1 decibel = 1dB = 0,1 bel. A partir de 140db aparece o chamado limite da dor ao ouvido humano: o som é dificilmente suportável pelo ouvido e pode causar lesões no sistema auditivo.

3 - Altura

É por meio da altura que podemos distinguir um som agudo (fininho, alto), de um grave (grosso, baixo). A altura de um som musical depende do número de vibrações. As vibrações rápidas produzem sons agudos e os lentos sons graves. São essas vibrações que definem cada uma das notas musicais: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si; assim, a velocidade da onda sonora determina a altura do som, por isso cada nota tem sua frequência (número de vibrações por segundo). A altura de um som pode ser caracterizada como

definida ou indefinida. Em ambos os casos, os sons podem ser agudos ou graves. Os instrumentos de altura indefinida são incapazes de produzir uma melodia, visto que a maioria deles emite um só som, que a voz humana ou outro instrumento de altura definida não conseguem imitar.

4 - Densidade

A densidade sonora é a qualidade que estabelece um maior ou menor número de sons simultâneos. Quando ouvimos um grande conjunto de timbres simultaneamente dizemos que a música em questão tem uma grande densidade sonora.

5 - Duração

A duração é o tempo que o som permanece em nossos ouvidos, isto é, se o som é curto ou longo. É a característica que revela o tempo de emissão de um som. Depende do tempo que duram as vibrações do objeto que os produz. As diversas durações são utilizadas em combinação com uma regularidade básica chamada de pulso ou pulsação. Essas variações são comumente chamadas de ritmo.

Alguns sons possuem ressonância curta, isto é, continuam soando por um breve período de tempo, como o som dos tambores, e outros tem ressonância longa, como os sons dos sinos que permanecem soando por um período de tempo maior. Na bateria as notas não se sustentam por isso é importante respeitar o intervalo até a próxima figura.

Composição

As composições são baseadas no conhecimento sonoro que o compositor adquiriu no local onde vive. A música que cada um compõe depende do lugar e da época em que vive, dos sons que conhece e dos quais tem acesso, enfim, da sua história pessoal escolhendo e articulando de formas diferentes a imensa variedade de sons aos quais tem acesso.

Harmonia

Harmonia é a combinação dos sons ouvidos simultaneamente, é o agrupamento agradável de sons. No nosso exemplo, você poderia muito bem tocar a música apenas com uma nota de cada vez, porém ficaria sem graça. Por isso, quanto mais notas musicais você tocar simultaneamente (acordes) de forma agradável, harmoniosa, melhor será a música.

Melodia
É uma sequência de sons em intervalos irregulares.

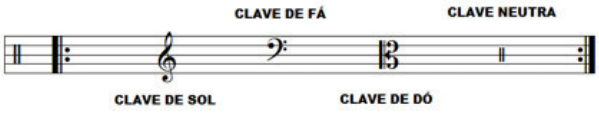
A Melodia caminha por entre o Ritmo. A Melodia normalmente é a parte mais destacada da Música, é a parte que fica a cargo do Cantor, ou de um instrumento como Sax ou de um solo de Guitarra e etc. Sempre que ouvir um Solo - notas tocadas individualmente - você estará ouvindo uma Melodia.

Ritmo
Ritmo é o que age em função da duração do som. É a definição de quanto tempo cada parte da melodia continuará à tona. Você já percebeu que na parte “(...) margens plácidas”, o “plá” demora mais que o “cidas”? Isso é o ritmo da música.

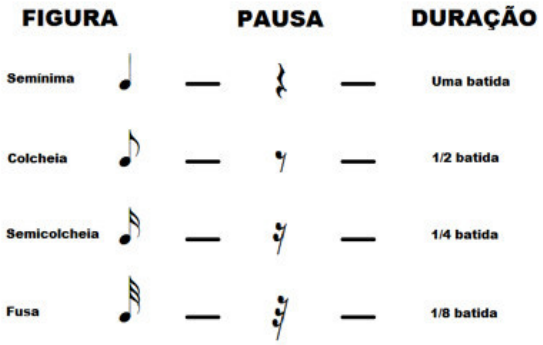
Tipos de Claves

A notação musical é relativa e por isso, para escrevermos as notas na pauta, precisamos usar CLAVES, espécie de chaves auxiliares. A clave indica a posição de uma das notas. Assim, todas as demais são lidas em referência a essa nota. Cada tipo de clave define uma nota diferente de referência. Dessa maneira, a "chave" usada para decifrar a pauta é a clave, pois é ela que vai dizer como as notas devem ser lidas. Se na 2ª linha tivermos um sol, no espaço seguinte teremos um lá e na 3ª linha um si. As notas são nomeadas sucessivamente de acordo com a ordem das notas da escala. Atualmente usam-se três tipos de clave: de Sol, de Fá e de Dó e a clave neutra (de percussão). Esta clave não tem o mesmo uso das demais. Sua utilização não permite determinar a altura das linhas e espaços da pauta. Serve apenas para indicar que a clave será utilizada para representar instrumento de percussão de altura não determinada, como uma bateria , um tambor ou um conjunto de congas .

Neste caso as notas são posicionadas arbitrariamente na pauta, indicando apenas as alturas relativas. Por exemplo em uma bateria, o bumbo pode ser representado na primeira linha por ser o tambor mais grave e um chimbal pode estar em uma das linhas mais altas por se tratar de instrumento mais agudo.

Mas atenção, os instrumentos de percussão afináveis utilizam notação com as claves melódicas. Os tímpanos por exemplo são escritos na clave de fá.

Figuras Rítmicas

Os sinais que determinam a duração dos sons são chamados figuras rítmicas. As principais figuras utilizadas, seus valores, e respectivas pausas, são as seguintes:



Outras figuras...

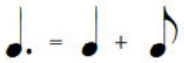
Ritornello : é usada para repetir o trecho entre duas figuras. Na ausência do primeiro, repetir desde o início.

Acento : indica que se deve tocar a nota mais alta que as demais.

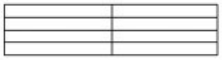
Nota fantasma : indica que se deve tocar a nota mais baixa que as demais.

Sinal de repetição : indica que se deve repetir o compasso anterior

Ponto de aumento : colocado ao lado de uma figura, aumenta metade do seu valor.



Barra de compasso : usado para separar compassos em grupos distintos.

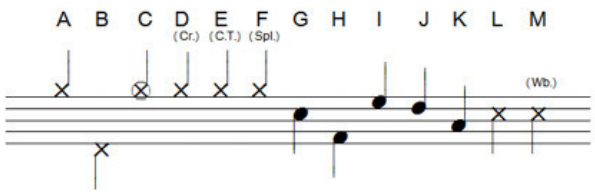


Entendendo o pentagrama

Existem vários sistemas de leitura e escrita que são utilizados para representar graficamente uma obra musical. A escrita permitiu que as músicas compostas antes do aparecimento dos meios de comunicação modernos pudessem ser preservadas e recriadas novamente. A escrita musical permite que um intérprete toque uma música tal qual o compositor a prescreveu.

O sistema de notação ocidental moderno é o sistema gráfico que utiliza símbolos escritos sobre uma pauta de 5 linhas paralelas e equidistantes e que formam entre si quatro espaços.

A pauta musical também é chamada de PENTAGRAMA. A seguir pequena demonstração de como funciona a escrita rítmica. Serve para se ter uma noção pois esses conceitos só irão se solidificar no dia a dia, no treino, e no aprendizado. Não se preocupe em dominar todos os conceitos, por enquanto o importante é apreender os conceitos básicos para que se possa fazer os primeiros exercícios. O domínio, como já disse, vem com o tempo.



A [4] – Chimbau (Hi-hat)

B – Chimbau tocado com o pé (Hi-hat with foot)

C – Condução (Ride)

D – Prato de Ataque (Crash)

E – China (China type)

F – Splash (Splash)

G – Caixa (Snare)

H – Bumbo (Bass Drum)

I – Tom 1 (High tom)

J – Tom 2 (Mid tom)

K – Surdo (Floor tom)

L – Aro (Side stck)

M – Bloco sonoro (Woodblock)

O uso do metrônomo

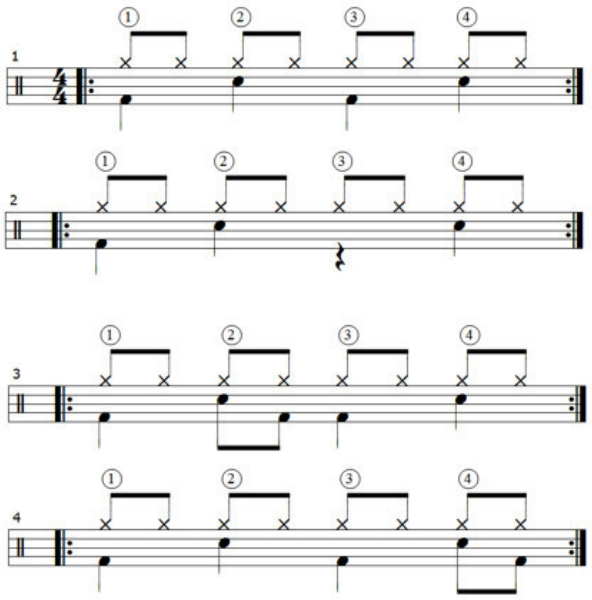
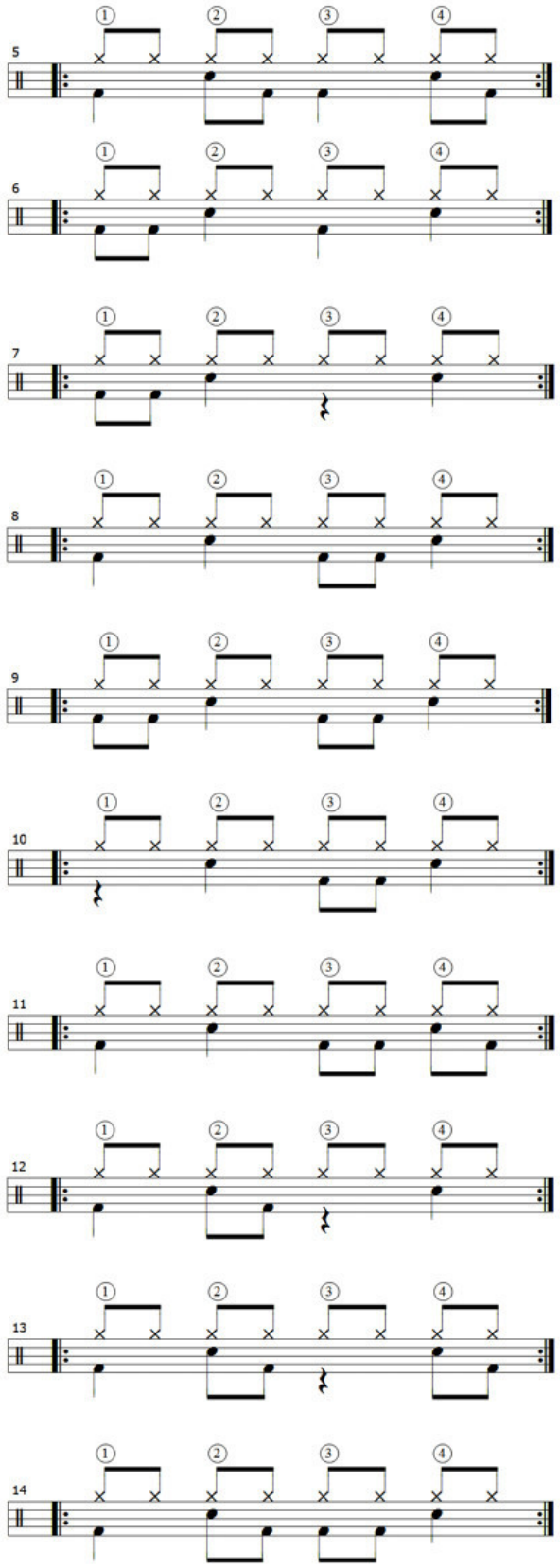
O metrônomo é um medidor de tempo das batidas. Quando se fala em 80 bpm estamos dizendo “80 batidas por minuto”. Quer dizer, em um minuto, temos 80 “beats” do metrônomo. Essa ferramenta é muito útil, não só para bateristas, mas para qualquer estudante de música poder quantificar o tempo, entendendo as durações e o intervalos presentes na música. Alguns professores buscam a perfeição na execução com o metrônomo, e estão certos. Mas prefiro acreditar que ele é mais uma ferramenta que auxilia o aprendizado. A noção de tempo está em cada um de nós!

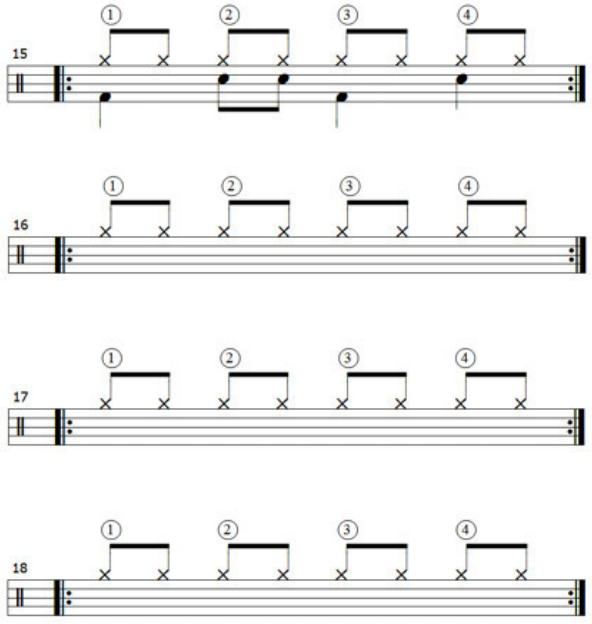
Devemos **inspirar** e **expirar** buscando o **equilíbrio** e, assim, conseguiremos manter uma batida sólida e constante! Nosso coração não precisa de metrônomo para bater e ele bate como um relógio! O metrônomo é um complemento imprescindível, mas não substitui o ritmo que cada um tem dentro de si.

Levadas básicas em colcheias

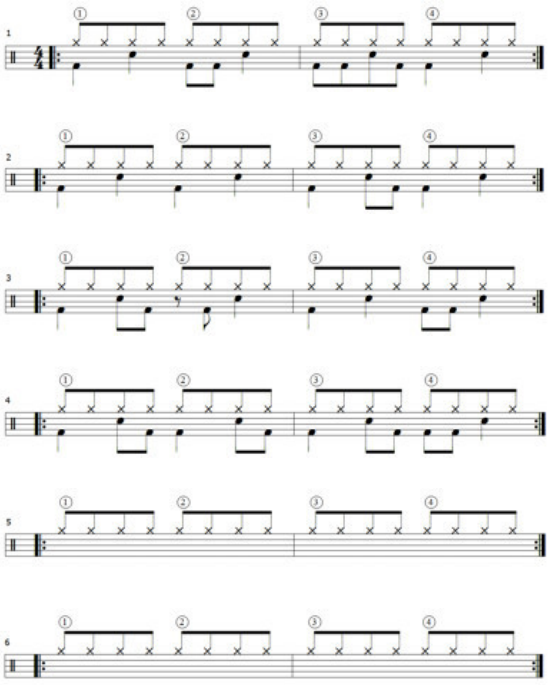
Poderia passar vários exercícios preliminares, para o aluno se familiarizar com o instrumento, mas prefiro ir direto ao ponto: levadas de música. É preciso ser honesto e passar para você aluno a primeira levada como o maior desafio de todos! Será o primeiro êxito em sua jornada. Assim sendo, que se leve o tempo necessário para executar essas primeiras levadas com **consistência** e **naturalidade.**

Deve-se começar O MAIS LENTO POSSÍVEL para, primeiro entender a leitura, depois memorizar o exercício e, finalmente, poder curtir a conquista das primeiras batidas. Importante frisar, como forma de encorajá-lo, que o exercício número 1 pode ser encontrado em centenas de músicas como por exemplo “I want you break free”, do Queen, ou “Give me the night” do George Benson. A levada 3, pode ser vista em “Every breath you take”, do Police ou em “Até o fim”, dos Engenheiros do Hawaii. A levada 8 pode ser vista em “Pais e filhos” da Legião Urbana, e na música “O pescador de ilusões” do Rappa, e assim por diante. Enfim, são dezenas de exemplos possíveis e aqui a ideia é propor o exercício como uma **introdução** à execução de músicas.

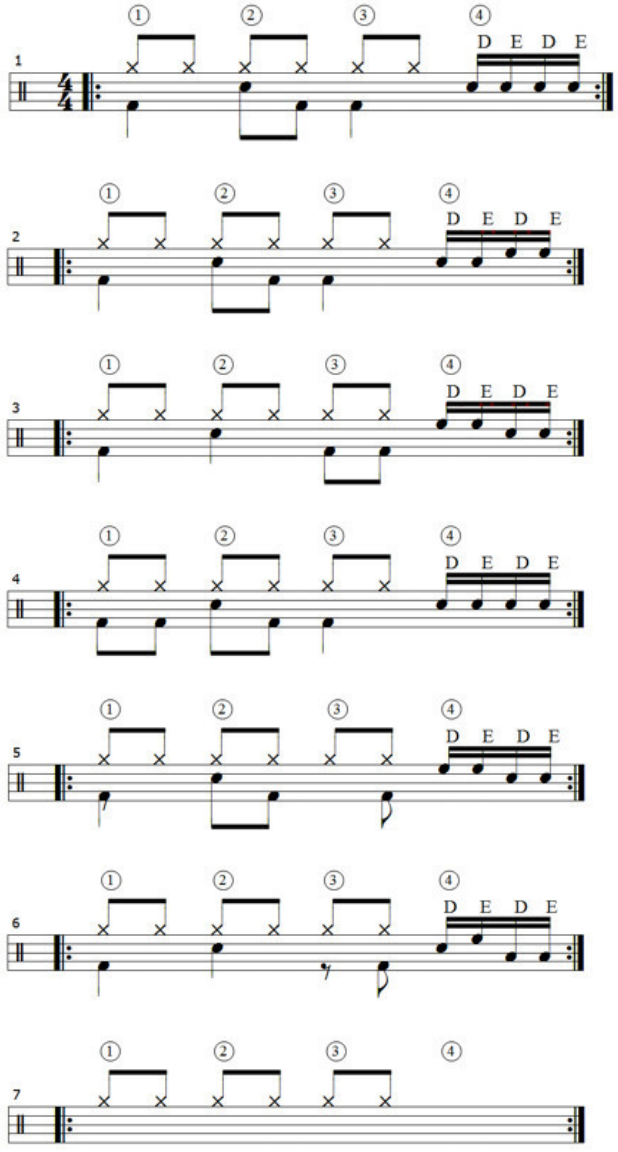
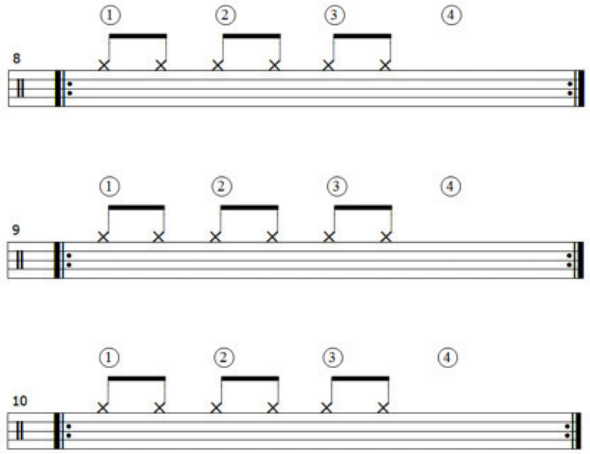
Repare que SEMPRE nos finais dos tópicos há pentagramas vazios para que você possa exercitar sua criatividade! Não tenha medo, tente criar suas próprias batidas e viradas!

5
6
7
8
9
10
11
12
13
14



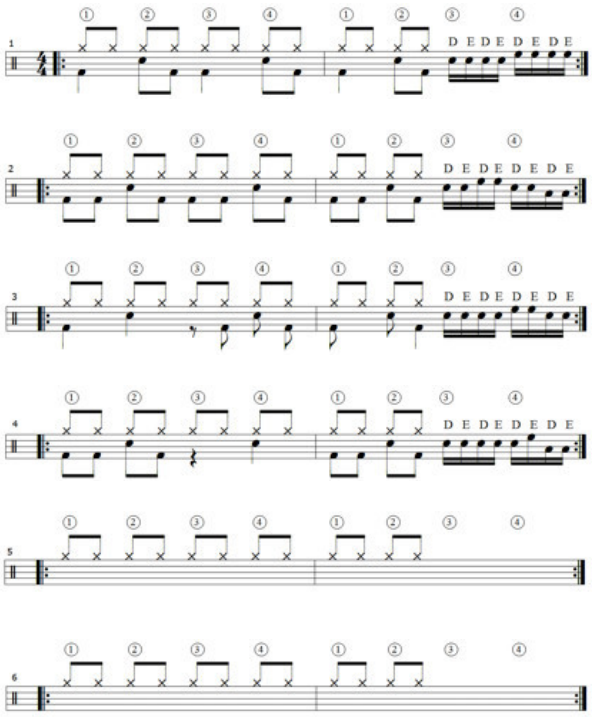
Agora é possível tocar levadas “de dois compassos”. As vezes, observamos na música, levadas que se repetem a partir de oito tempos, e não de quatro como fizemos anteriormente...



Viradas básicas em semicolcheias

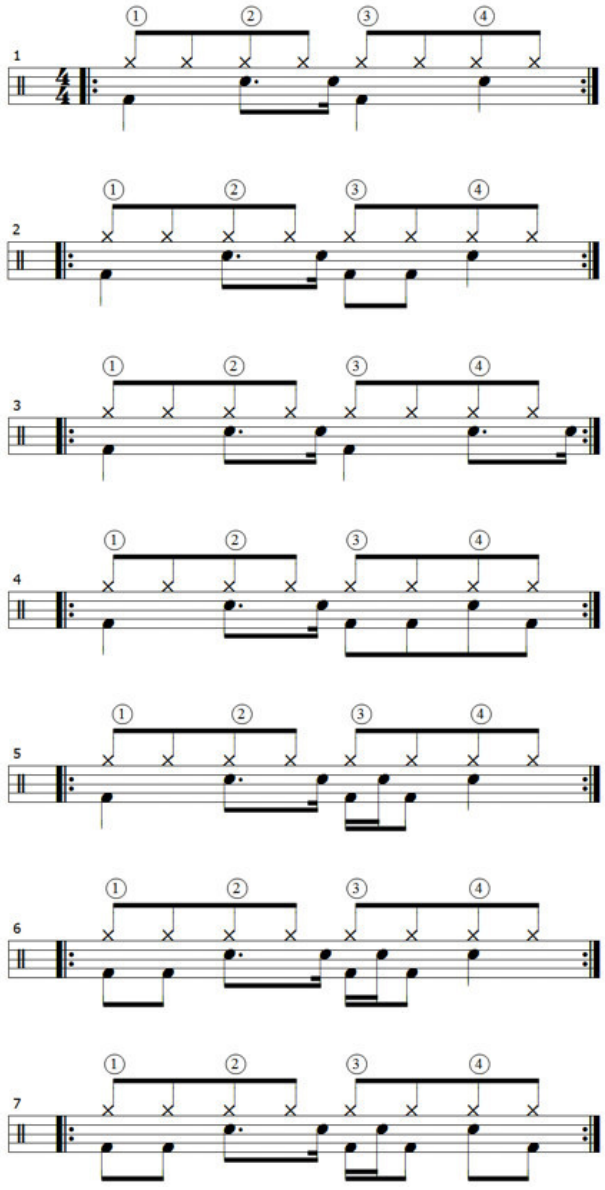
As primeiras viradas, assim como as primeiras batidas, servem como demonstração de como funciona o processo de encaixe dessas variações dentro de um ritmo. Primeiro podemos observar as viradas de UM tempo, que substituem as notas tocadas no 4º tempo. Se a virada tem dois tempos, tira-se dois tempos de levadas (o 3 e o 4). É preciso entender que num ritmo em 4/4, como esses, a conta precisa fechar sempre em quatro tempos!



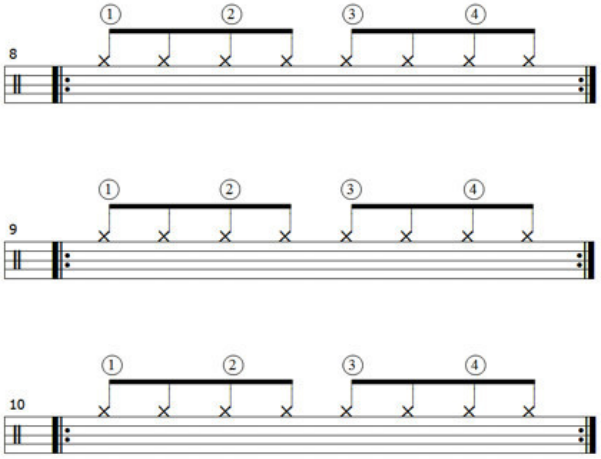
Agora vamos executar as mesmas viradas em DOIS tempos. Como foi visto antes, é necessário “tirar” dois tempos (3 e 4) para inserir a virada e a “conta fechar” no 4/4.



Levadas com caixa no contra

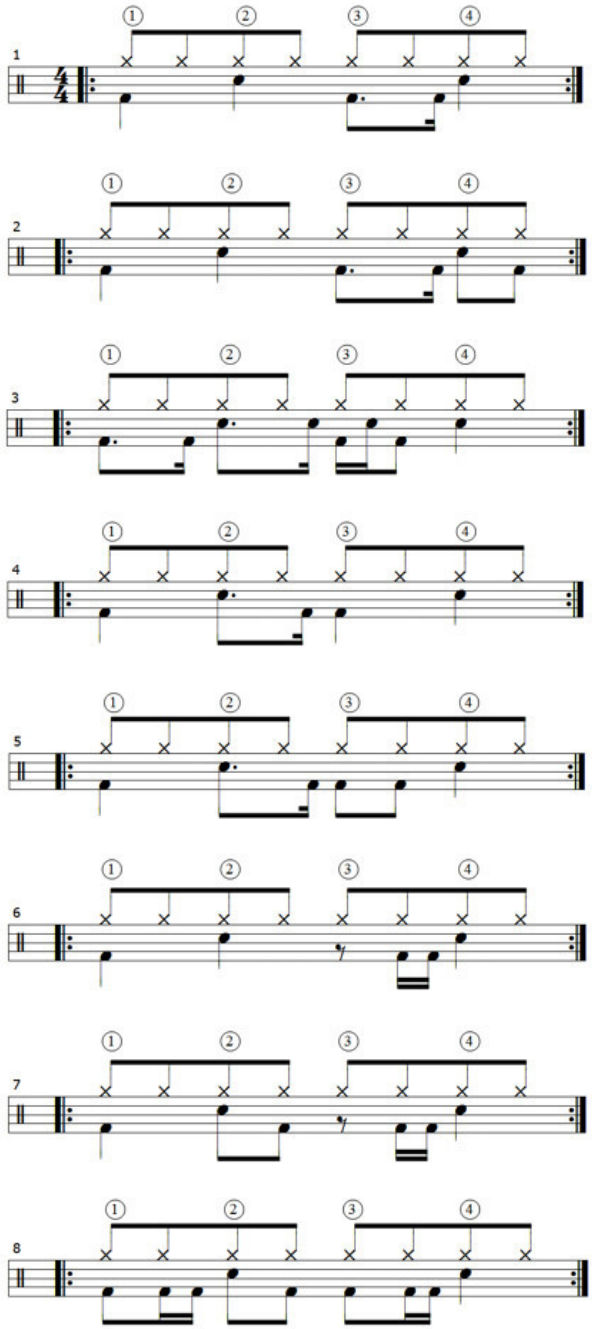
Essas levadas tem um grande dificultador que são as notas tocadas entre um hi-hat e outro da levada em colcheia, o que exige boa destreza adquirida nos exercícios anteriores. Lembrando que eu poderia ter colocado centenas de exercícios e optei por menos exercícios que, entretanto, precisam ser tocados com **qualidade** . Nesse ponto do curso, já terá tocado algumas músicas com as levadas propostas nos exercícios anteriores, o que facilita a aquisição destas figuras a seguir.

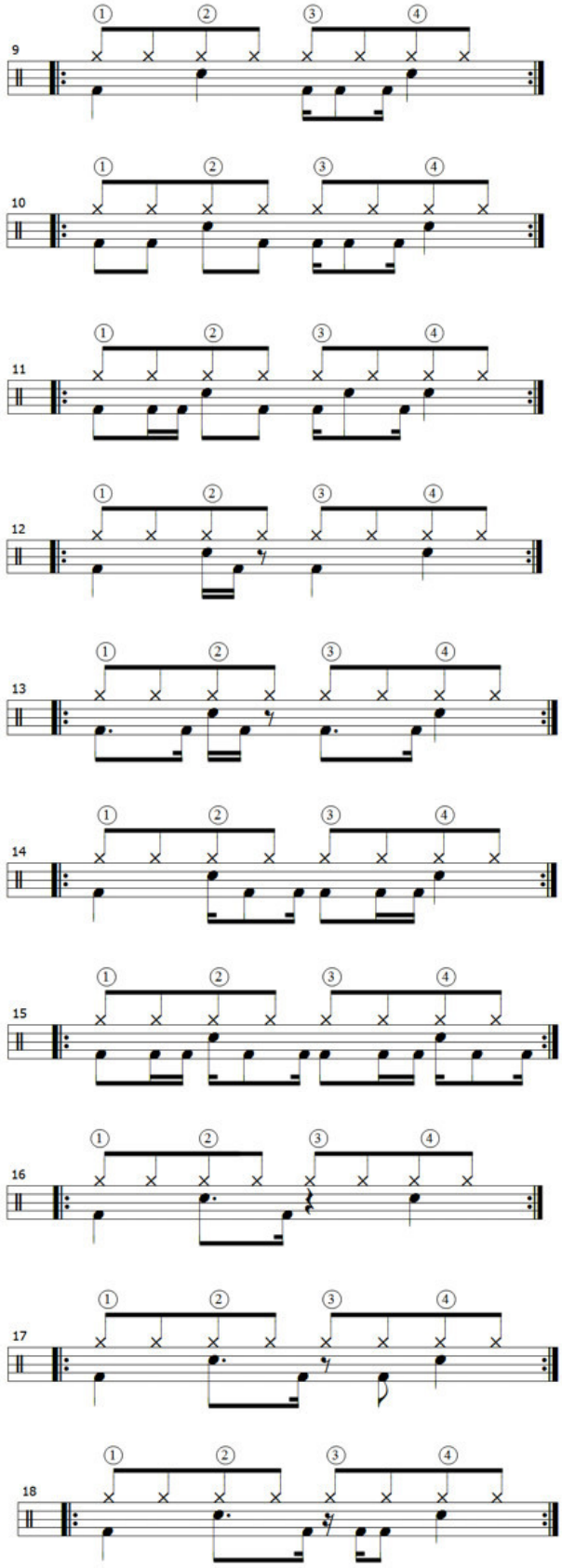


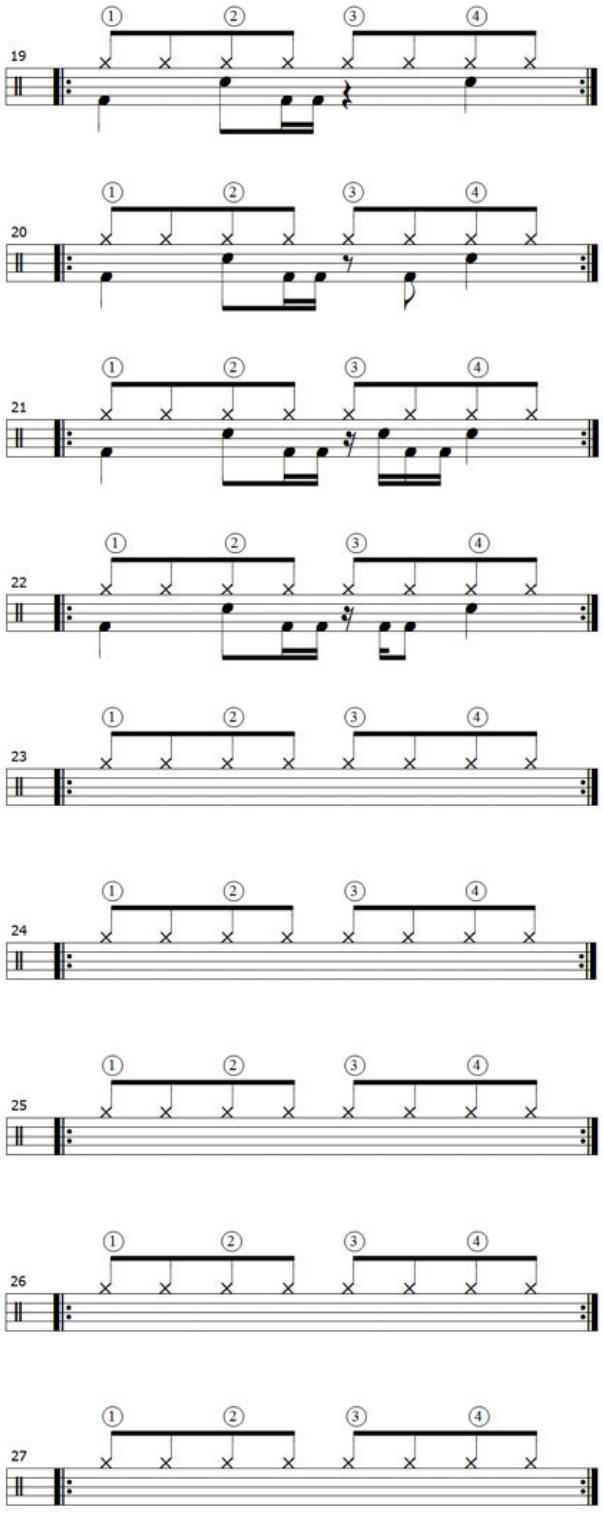

8
1
2
3
4
9
1
2
3
4
10
1
2
3
4

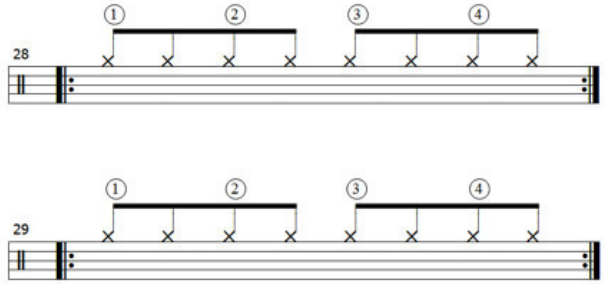
Levadas com bumbo no contra

O princípio é o mesmo do item anterior, com o complicador de se tratar dos pés, sempre de coordenação mais difícil. Não se esqueça de começar o mais lento possível!

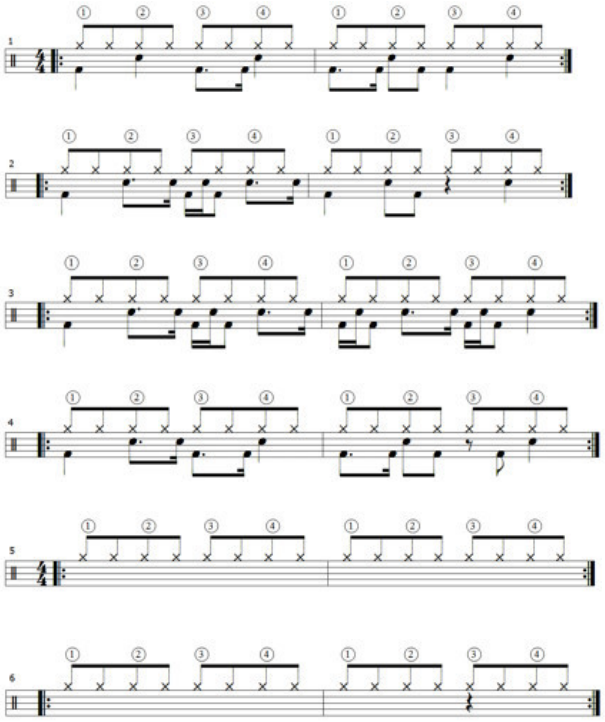



9
10
11
12
13
14
15
16
17
18


19
20
21
22
23
24
25
26
27

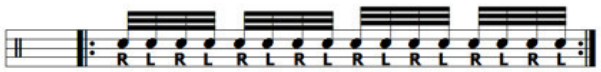


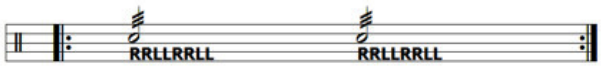
Da mesma forma que vimos no capítulo anterior as levadas de dois compassos” agora têm bumbos e caixas “no contra”. Não se esqueça de começar LENTAMENTE.

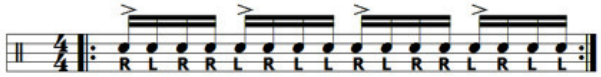


Rudimentos

Os rudimentos são estudos criados para a caixa e que foram passados para a bateria. São 40 ao todo e 26 para a bateria. Nos EUA, por exemplo, as crianças têm contato com esse estudo desde bem pequenas o que facilita sua execução quando passam para a bateria. No Brasil esse contato não existe tornando este estudo cansativo e desestimulador. Entretanto ele é necessário, e precisa ser feito, afinal nem tudo são flores... Os rudimentos são divididos em 5 capítulos. Comecem com “os cabeças” de cada capítulo conforme abaixo. E, lembrem-se, isso poderia ser estudado mais adiante entretanto levaria mais tempo para serem executados com o mínimo de qualidade que se permita aplica-los.

SINGLE STROKE ROLL OU TOQUE SIMPLES

DOUBLE STROKE OPEN ROLL OU TOQUE DUPLO

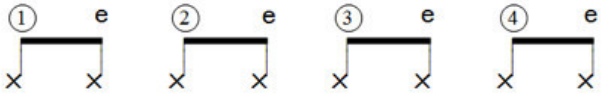


SINGLE PARADIDDLE

FLAM

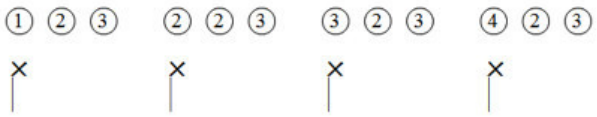
DRAG

Levadas com colcheias em tercinas

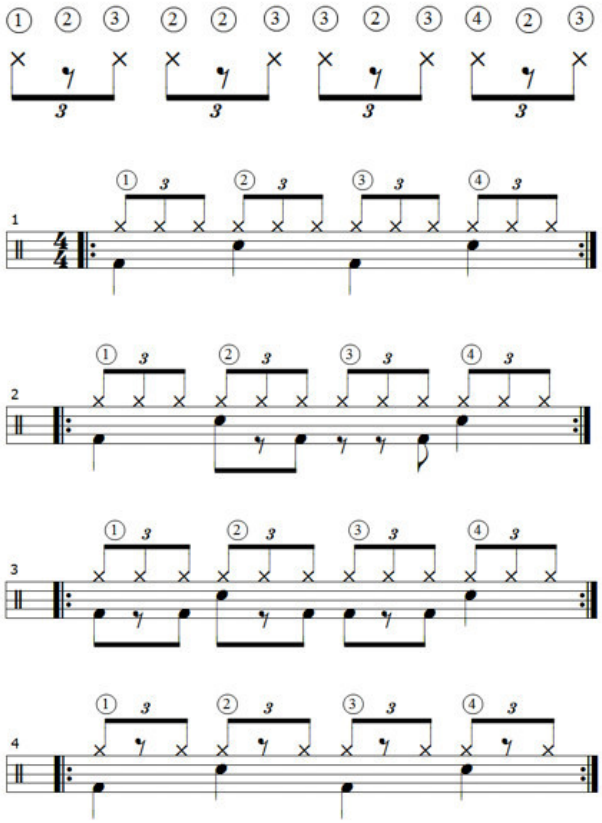
As colcheias em tercinas são um grupo irregular. Trata-se de um grupo em que usamos tocar três notas por tempo divididas em intervalos iguais. As quiálteras são divisões alteradas para se tocar as figuras já existentes. Estes exercícios preliminares servirão de base para entender melhor o sentido rítmico de uma batida chamada *Shuffle* (que significa arrastar os pés). Para demonstrar isso melhor toque o chimbal com a mão direita contando conforme abaixo:

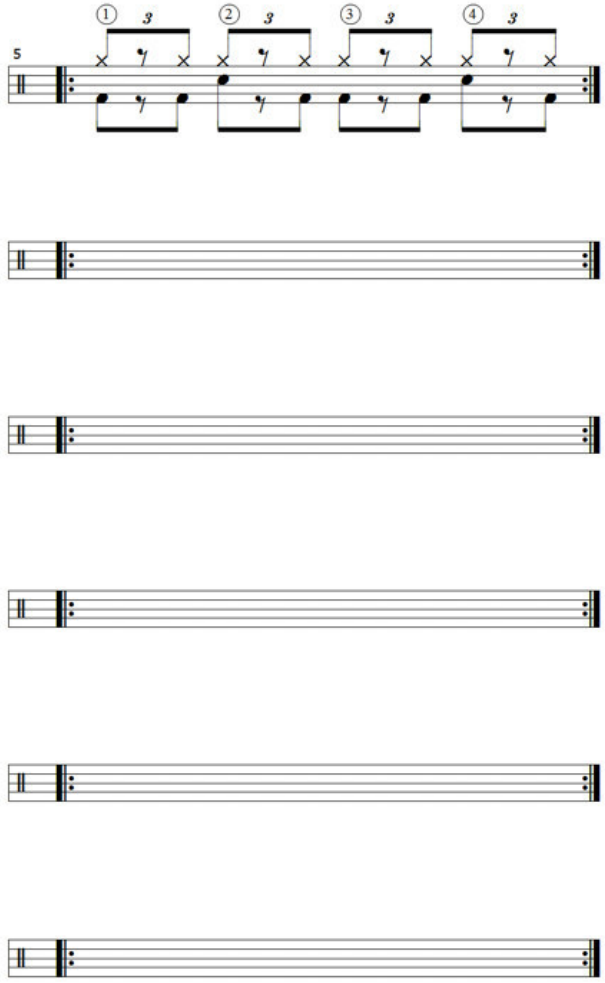


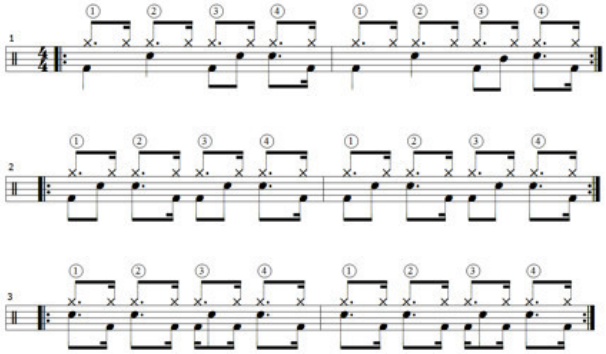
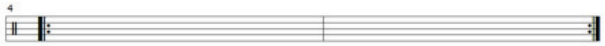
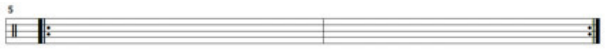
Agora introduzindo divisões com o conceito de tercinas:

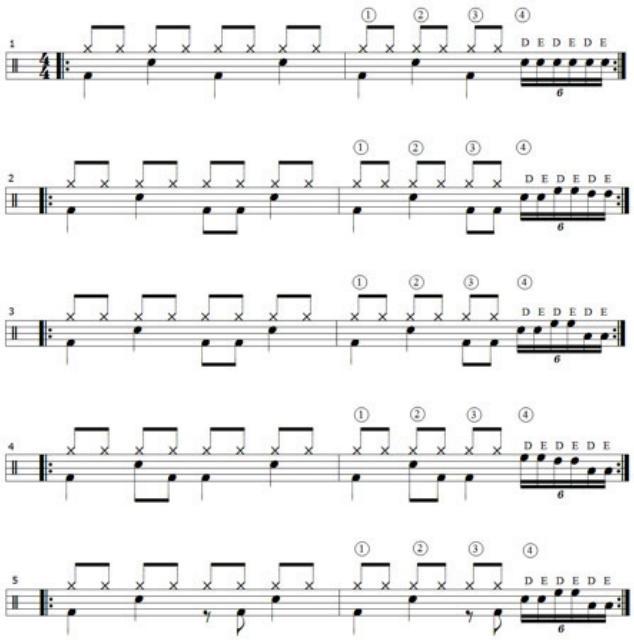
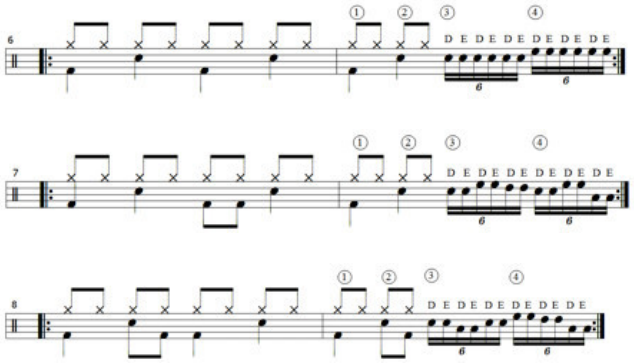
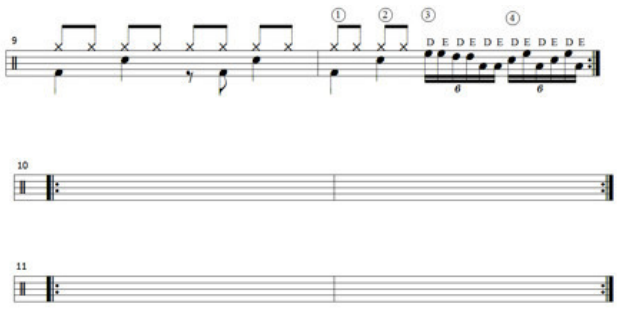


Em, seguida acrescente um toque na contagem 3 de cada tempo:

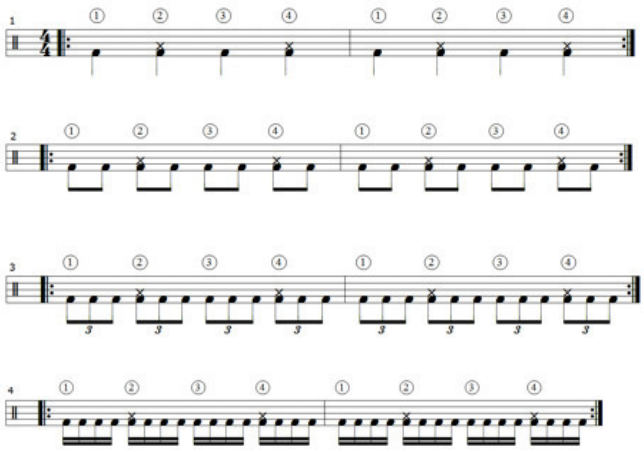


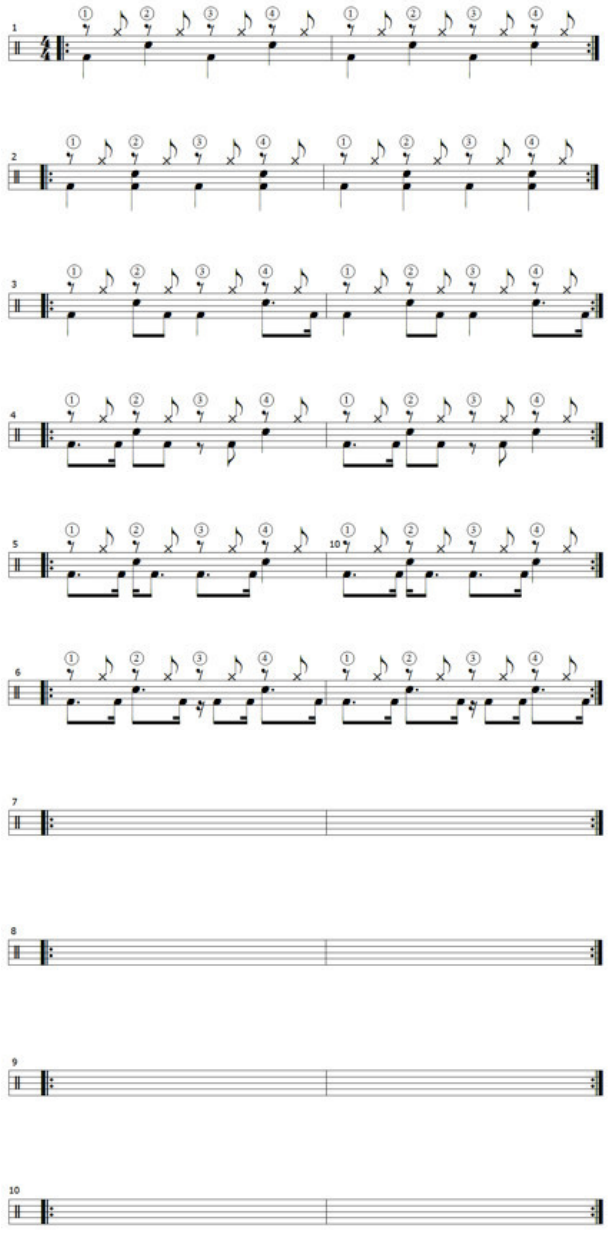


Observamos agora que a escrita do shuffle não aparece sob a forma de tercinas mas de colcheias pontuadas. É possível também escrever deste modo alternativo como observamos na prática em vários métodos, principalmente brasileiros. Na prática deve-se sempre tocar buscando o ”swing”, o balanço da levada (groove).

Viradas com semicolcheias em tercinas

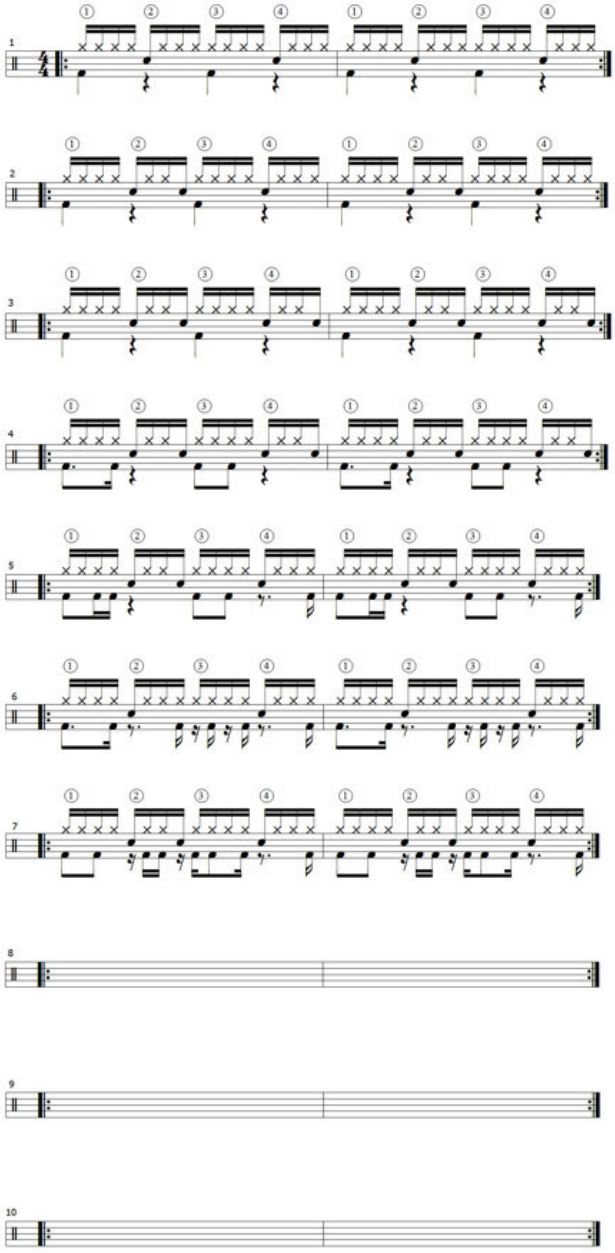
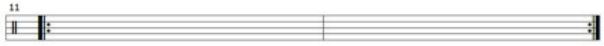
Agora veremos variações com semicolcheias em tercinas (ou sextinas). É um caso semelhante ao anterior só que, por se tratar de semicolcheias, são necessárias mais notas (seis) para preencher um tempo.

Assim como vimos no outro tópico, agora podemos fazer as viradas com semicolcheias em tercinas em dois tempos.

9
1
2
3
4
D E D E D E D E D E D E D E
6
6
10
11

Exercícios para bumbo

Eu brinco sempre que o pé direito se usa para chutar uma bola ou acelerar o carro, portanto ele não foi feito para se tocar bateria (rs). Desta forma é preciso praticar um pouco o pé direito (falaremos sobre o esquerdo mais adiante) para se adquirir resistência e velocidade. Como sempre: começar devagar e acelerar aos poucos é o melhor caminho... Use o metrônomo para ter certeza de que está mantendo o tempo constante.

Levadas com hi-hat no contratempo

Nestes exercícios é importante cuidar bem do hi-hat para não tocá-lo fora da posição indicada. Não é tão fácil quanto pode parecer pois até o momento fizemos as conduções em colcheias. Lembre-se: comece devagar e vá acelerando na medida em que tiver o dominado o padrão.

Levadas em semicolcheias com conduções alternadas

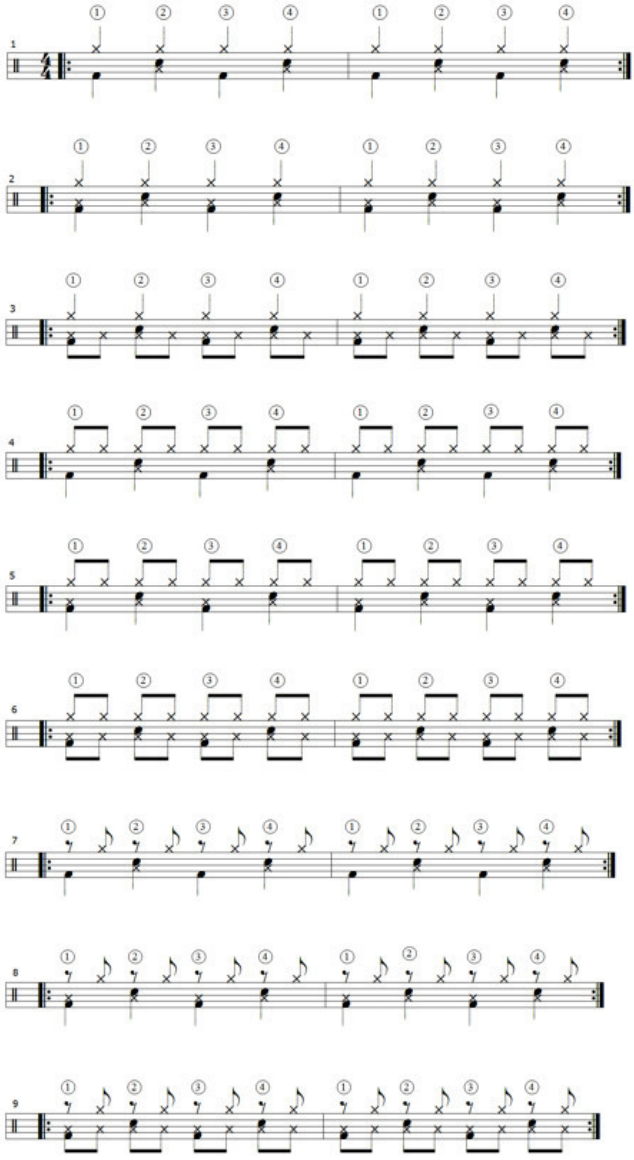
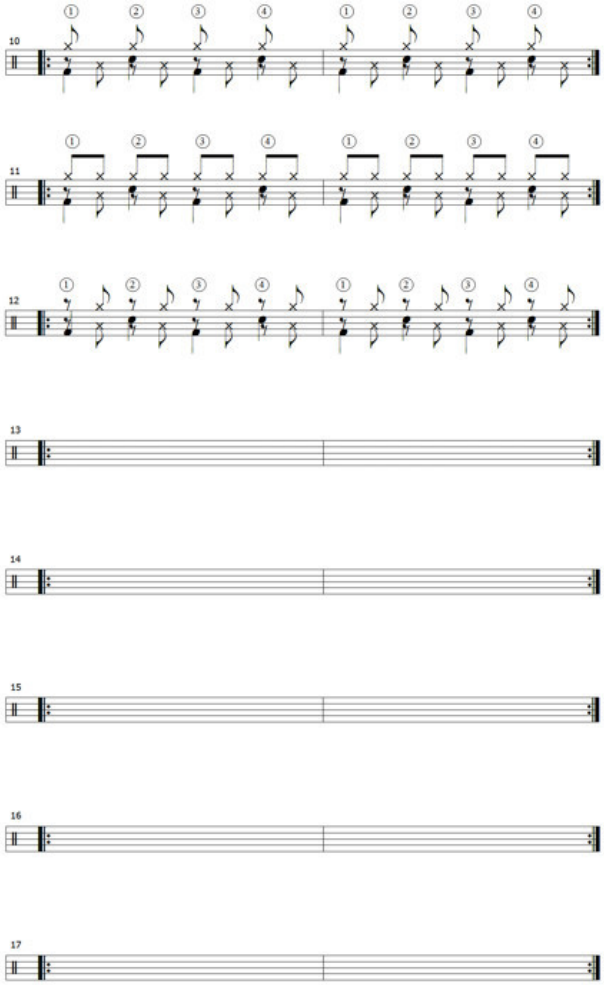
Agora as levadas são tocadas com as duas mãos se alternando no hi-hat. **Começando sempre os tempos com a direita.** É um bom exercício para se praticar a esquerda também já que ela executa padrões constantes e sem descanso. Cuidado para não repetir a mão num momento de maior dificuldade.



11

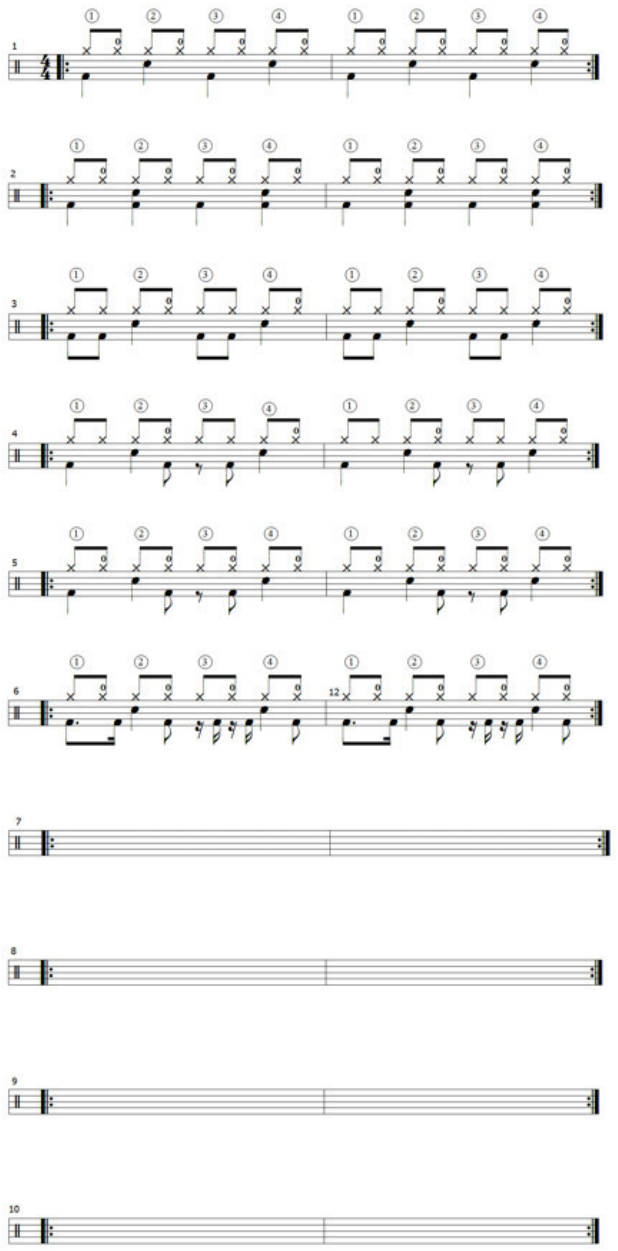
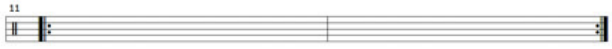
Marcação no Hi-hat com o pé

Agora começaremos a utilizar o pé esquerdo. A demora em iniciar este estudo se dá pela necessidade em se obter **confiança** (palavra fundamental para um baterista) para se usar o último membro que até então não exercia nenhuma função. Podemos utilizá-lo para marcar o tempo ou também podemos criar figuras rítmicas diversas para "colorir" a levada. Começaremos com marcações, pois são mais simples. Quando conseguir desenvolver um mínimo de independência pode-se arriscar marcações (ou outras figuras) mais elaboradas em outras levadas do método!

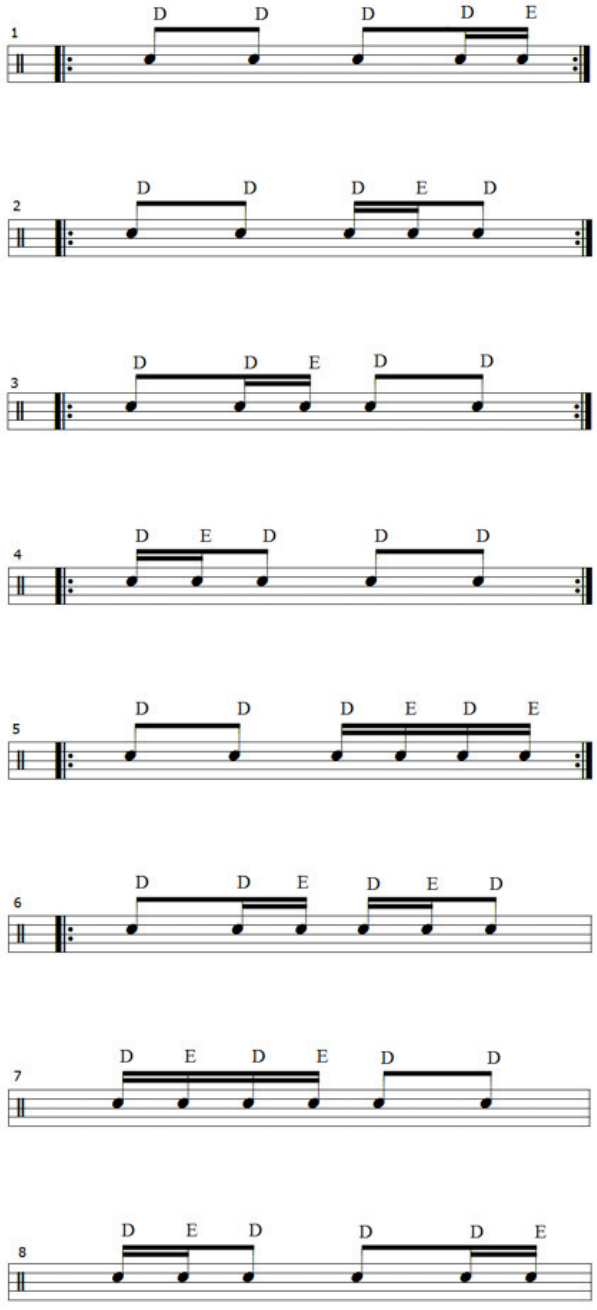
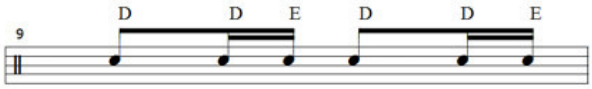
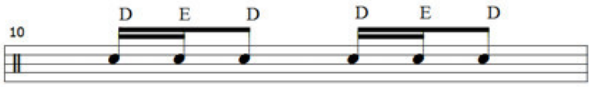
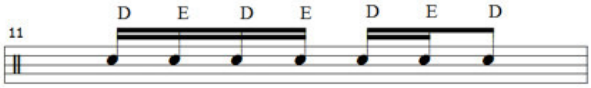


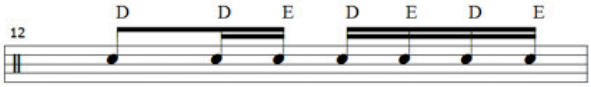
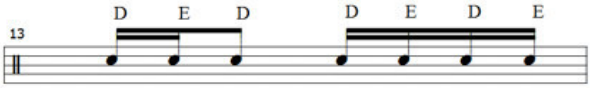
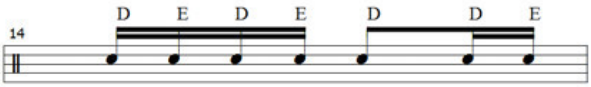
10
11
12
13
14
15
16
17

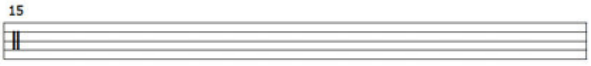
Abertura de hi-hat com o pé

A partir deste momento, começamos a abrir (e tocar ao mesmo tempo!) o chimbal com o pé esquerdo. Agora, seu uso se tornará mais acessível pois já foram feitos vários ritmos diversos com as outras partes, inclusive com o pé esquerdo. Comece lentamente para "sentir" a levada e, depois, experimente a abertura até encontrar um som suave nessa manobra.

11

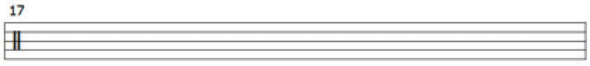
Variações de viradas em semicolcheias

Essas viradas são muito comuns de se encontrar na música pop. Está no final deste volume pois sua leitura requer muito cuidado. Repare como qualquer virada pode entrar em qualquer levada, é só substituir da maneira como vimos no início: mantendo o padrão em 4/4;

9
D D E D D E

10
D E D D E D

11
D E D E D E D


12
D D E D E D E

13
D E D D E D E

14
D E D E D D E


15

16


17

Referências bibliográficas

Como sugestão, para complementar este estudo, pode-se utilizar este material a seguir...

CORSALETTI, Gilson. *Rítmo: método de bateria* . Londrina, 2003.
FAMULARO, Dom. *It´s your move: motions and emotions.* Miami: Warner Bros Publications, 1996.
INFANTOZZIH. Albino. *Rock o primeiro passo* . Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1993.
KRUPA, Gene. *Método para bateria* . São Paulo: Ricordi, 1980.
MORGEINSTEIN, ROD. *Drum set warm-ups* . Boston: Berklee Press, 2000.
POZZOLI. *Guia teórico-prático para o ensino do ditado musical.* São Paulo: Ricordi, sem ano.
TUK, Kevin. *Drum book 1* .http:/www.worldpercussion.com.au

Notas

[1] Apoios: Pearl, Impression, Pro-mark ,Evans.
[2] Fonte: Wikipédia
[3] Fonte: http://www.arte.seed.pr.gov.br/
[4] Acrescentei os nomes em inglês para já haver uma familiarização destas formas que serão encontradas em materiais futuros.

Table of Contents

[1]
Agradecimentos
Apresentação
Como usar o método...
História da bateria
Conceitos (Postura)
Por que aprender partitura? (O mito)
Introdução aos elementos da música
Entendendo o pentagrama
O uso do metrônomo
Levadas básicas em colcheias
Viradas básicas em semicolcheias
Levadas com caixa no contra
Levadas com bumbo no contra
Rudimentos
Levadas com colcheias em tercinas
Exercícios para bumbo
Levadas com hi-hat no contratempo
Levadas em semicolcheias com conduções alternadas
Marcação no Hi-hat com o pé
Abertura de hi-hat com o pé
Variações de viradas em semicolcheias
Referências bibliográficas